

Histórias de vidas

Josimey Costa

Jornalista

Eva. Aquela cujo pai morreu mal ela completara seis anos. A filha cuja mãe nunca aceitara a viuvez e terminara por rejeitar a própria condição de mãe, ao morrer para se juntar ao marido, três anos depois. A irmã menor e mal-querida, empregada sem salário, saco-de-pancada sem repouso, tico de gente sem infância. Cedo ainda, casou-se com o inferno e abraçou o mundo. Selou sua sina de oráculo sem descendentes e vidente sem testemunhas.

Ada, a que nasceu de Eva. Seu primeiro olhar sobre o mundo anteviu amarguras sempre inevitáveis. Por isso, nasceu séria. Acreditou que tomava o próprio destino nas mãos, mas fugiu de si mesma desde o primeiro instante. Invadiu a sua realidade com os sonhos, e abandonou-os todos para não maculá-los com o real. A voz, elevada a pulso, encobre o miado de gato perdido que ela traz no fundo do peito.

Sela, imagem de Eva, *alter ego* de Ada. Porque foi muito esperada, não era o que poderia, mas o que deveria ser. Durante muito tempo, os biógrafos narraram-lhe as façanhas de como condensou o tempo em eras cada vez mais curtas, ou de quando falou com a voz dos deuses. Os aplausos passaram a ser seu ópio. Quando faltam, a mágoa explode em sua face como uma bofetada.

Noema era filha da dor, irmã da expectativa, esposa do cuidado e mãe da esperança. Tinha língua ferina e coluna ereta. **Antes de completar quinze** verões, fechou os próprios olhos, eonheceu os ombros e escolheu prosseguir assim. Os olhos fechados, no entanto, estão sempre secos porque nunca se cerram pelo sono. Suas noites são eterno solstício.

Elisa veio, como outras, agregada. Arrancada do ventre materno por vias insondáveis, mesmo assim conheceu mães e pais em profusão, um após o outro legitimados pela sua ignorância. A vida que esse véu escondia, ela a vislumbrou muito tarde, e cobriu-a mais ainda com o manto da irreverência. Tem, na ironia, um escudo, e na raiva, sua única nudez.

Sara concebeu Melca, mas reconheceu em Agar a filha que queria. A uma, deu o corpo; à outra, devotou a alma. Quis a sorte que um dia ela estivesse suspensa entre ambas. Ela só pôde calar ao descobrir, em Melca, a mulher que o homem de Agar escolheu. Não quer, para si, o que também não quer para os outros, mas dá-se sempre o que não quer e não acolhe mesmo o que secretamente deseja.

Rebeca serviu, ao amante que a trocou por outra, o prato frio da indiferença diária. Alimentou-o silenciosamente por tanto tempo que o impregnou com a acidez de seu sabor. E, só então, deixou-o como se nunca o tivesse amado para amar muitos em cada turno e bem pouco a cada um.

Reuma, prenhe da primeira vez, vestiu uma prisão no próprio corpo para atravessar nove meses. Da segunda gestação, abrigou gêmeos e teve de suportar no ventre um filho sem vida para que a vida do outro pudesse prosseguir. Conversava com o filho vivo para que o irmão não o assustasse, e em pesadelos curtia o próprio assombro de carregar a morte concreta dentro de si.

[a1] Comentário: nte

Eva deu à luz Ada, que pariu Sela e Noema. Ambas geraram Evas e Adas de si mesmas. Elisa não reconhece a mãe, cujo rosto está diluído em muitos rostos. Sara não identifica a filha porque a busca incessantemente em outros seres. Melca e Agar não se mesclam, mas são uma só em Sara. Rebeca prefere aquecer-se em colos mais suaves e delicados. Reuma sabe que a vida deve sempre um tributo à morte.